

O Começo do Fim: Como a Derrota de Bolsonaro nas Eleições de 2022 Foi Retratada pelo The New York Times¹

Ana Resende QUADROS²
Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

Neste artigo a proposta é fazer uma análise de conteúdo aos moldes de Bardin (2011) do texto “Brazil Ejects Bolsonaro and Brings Back Leftist Former Leader Lula”, publicado pelo jornal estadunidense The New York Times no dia 30 de outubro de 2022. O objetivo é averiguar como um dos jornais mais importantes do mundo retrata o Brasil, os brasileiros e os dois líderes políticos que disputavam as eleições presidenciais: Luiz Inácio Lula da Silva e Jair Messias Bolsonaro. Acredita-se que, após essa análise, será possível dizer se representações das imagens que temos de nós enquanto brasileiros estão também presentes na imagem que se tem de nós no exterior, bem como identificar se há alguma comparação entre a nossa realidade e a realidade estrangeira, especialmente a dos Estados Unidos.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo político; jornalismo internacional; enquadramentos noticiosos; The New York Times.

INTRODUÇÃO

Em 30 de outubro de 2022, os eleitores do Brasil escolheram Luiz Inácio Lula da Silva como o novo Presidente da República. Pela menor diferença de votos da história das eleições brasileiras, Jair Bolsonaro foi derrotado e não conseguiu um segundo mandato à frente do governo brasileiro. O resultado das Eleições de 2022 foi destaque tanto no Brasil quanto no exterior. Um dos principais jornais do mundo, o *The News York Times*, publicou, no mesmo dia, a notícia “Brazil Ejects Bolsonaro and Brings Back Leftist Former Leader Lula” ou, em português, “Brasil expulsa Bolsonaro e traz de volta o antigo líder de esquerda Lula”.

Neste artigo, a proposta é fazer uma análise de conteúdo aos moldes de Bardin (2011) desta matéria publicada pelo *The New York Times* (NYT). O objetivo é averiguar qual é a abordagem adotada pelo jornal com relação ao processo eleitoral no Brasil, com

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCOM-UFJF, email: anarquadros@gmail.com).

relação a Lula e a Bolsonaro. Também pretende-se verificar qual é a imagem do Brasil e dos brasileiros presente neste texto e se existe uma comparação com a realidade dos Estados Unidos.

Com base nesta análise buscamos saber se é possível identificar um candidato que seja tratado de maneira mais positiva ou mais negativa pelo jornal, se as declarações de Bolsonaro acerca da segurança do processo eleitoral do Brasil tiveram ou não impacto na produção do texto analisado e quais são as temáticas secundárias mais abordadas ao longo do texto.

Para tanto, a análise de conteúdo será desenvolvida utilizando como categorias: enquadramentos evocados – tomando por base os tipos de enquadramento descritos por D’Angelo e Shaw (2018) – tipos de fontes, personagens e temáticas abordadas. A escolha do *The New York Times* se deu pela importância desse veículo de comunicação tanto na história do jornalismo quanto no ambiente digital.

Além do grande volume de leitores em seu site, a publicação tem grande importância histórica e é respeitada como um veículo de comunicação sério (*quality paper*). O *The New York Times*, sediado na cidade Nova York, nos Estados Unidos, existe desde 1851 com o objetivo de “ajudar as pessoas a compreenderem o mundo”³. Esse objetivo é endossado pela alta credibilidade do jornal, que já ganhou 132 prêmios Pulitzer, a maior premiação do jornalismo norte-americano.

O *New York Times* também é um dos maiores jornais em língua inglesa, a mais falada do mundo⁴. Mensalmente, o jornal atinge 123 milhões⁵ de visitantes únicos globais, além de ter mais de 10 milhões de assinantes em todo o planeta. Isso significa que o que é dito no jornal tem impacto na percepção de todo o planeta sobre aquele tema, tornando-o um objeto de análise relevante. Já a escolha deste texto se dá porque “Brazil Ejects Bolsonaro and Brings Back Leftist Former Leader Lula” é apontado pelo buscador do site *The New York Times* como o texto mais relevante utilizando o termo “Brazil” em outubro de 2022 que trate sobre o resultado das eleições.

Entende-se também que é necessário compreender como foi a cobertura internacional (aqui representada pelo *The New York Times*) do resultado do pleito de

³ THE New York Times. **History**. Disponível em: <<https://www.nytc.com/company/history/>> Acesso em 25 de agosto de 2021.

⁴ WORDTIPS. **The 100 Most-Spoken Languages in the World**. Disponível em: <<https://word.tips/100-most-spoken-languages/>> Acesso em: 26 de agosto de 2020.

⁵ THE New York Times. **Media Kit**. Disponível em: <<https://advertising.nytimes.com/>> Acesso em 07 de abril de 2023.

2022, uma vez que Jair Bolsonaro foi uma figura que, desde o início de seu governo, colocou em risco o prestígio que o país tinha no exterior⁶ e Lula, por outro lado, tem maior presença internacional e seu papel é reconhecido por autoridades internacionais, como o secretário adjunto de Estado dos Estados Unidos, Brian A. Nichols⁷, como relevante.

Dado este cenário, a hipótese que temos neste artigo é que o *The New York Times* trará uma representação do Brasil alinhada com temas como meio ambiente e representações trazidas por pensadores do Brasil como Freyre (2004a e 2004b) e Holanda (1987), como a debilidade das instituições. Acreditamos também que será possível observar uma aproximação dos temas brasileiros com a realidade estadunidense, como uma comparação entre Bolsonaro e Donald Trump, assim como uma cobertura mais favorável a Lula que a Jair Bolsonaro.

A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES E O PAPEL DA MÍDIA

Em seu sentido mais utilizado na vida cotidiana, o termo “identidade” pode ser compreendido como as características que possuímos capazes de nos distinguir dos demais⁸. Contudo, esse conceito, como explicam Berger e Luckmann (1998) não pode ser compreendido como uma interpretação unicamente subjetiva, uma vez que a nossa identidade é formada a partir do contexto cultural e social em que estamos inseridos.

Hall (2006) acredita que uma das vertentes que constitui o indivíduo é a identidade cultural. Por sua vez, as principais fontes dessa identidade são as culturas nacionais. Segundo explica Hall (2006), no mundo moderno, as pessoas costumam pensar nas culturas nacional como parte essencial de suas naturezas. Mais do que uma entidade política, as nações são sistemas de representação cultural capazes de gerar sentimentos de lealdade e identidade.

A lealdade e a identificação que, numa era pré-moderna ou em sociedades mais tradicionais, eram dadas à tribo, ao povo, à religião e à região, foram transferidas, gradualmente, nas sociedades ocidentais, à cultura nacional. As diferenças regionais e étnicas foram gradualmente

⁶ QUERO, Caio; PASSARINHO, Nathalia. Governo Bolsonaro ameaça prestígio internacional do país, dizem diplomatas brasileiros. **BBC Brasil**, São Paulo e Londres, 31 de maio de 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-48402241>> Acesso em 02 de julho de 2023.

⁷ SANCHES, Mariana. 'Mundo é melhor com Brasil nele', diz secretário adjunto de Estado dos EUA sobre governo Lula. **BBC Brasil**, Washington, 17 de junho de 2023. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cn42rrm1nv1o>> Acesso em 07 de julho de 2023.

⁸ DICIONÁRIO MICHAELIS. **Identidade**. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/identidade/>> Acesso em: 30 de abril de 2022.

sendo colocadas, de forma subordinada, sob aquilo que Gellner chama de "teto político" do estado-nação, que se tornou, assim, uma fonte poderosa de significados para as identidades culturais modernas (HALL, 2006, p. 49).

Se a identidade se constrói na instância pessoal e social, o mesmo acontece com a História. Para Benjamin (1987), a História é tanto herança particular (o que recebemos da nossa família), quanto coletiva (o que sabemos pela sociedade). Independentemente de sua origem (privada ou social), usamos o passado como forma de embasar nossas ações. Assim, ele tem relação direta com nosso presente e com o nosso o futuro.

Dada esta realidade, a mídia tem muita relevância na construção e preservação de memórias e identidades. Para Braga (2011), a mídia é central na sociedade moderna. Ele explica que os processos comunicacionais provocados pelos meios de comunicação social (MCS) são capazes de produções de sentidos compartilhadas por toda a sociedade. Ao fazerem isso, os meios penetram nos processos sociais, alterando-os conforme sua própria lógica, criando uma “sociedade de comunicação” ou “sociedade mediática”.

Um exemplo desse fenômeno é como a mídia, em especial o jornalismo, é capaz de construir ou ressignificar a percepção que temos tanto do presente quanto do passado (BARBOSA, 2007). Como escreve Barbosa (2007), o jornalismo é “produtor do tempo presente” (Ibid. p. 104) e consegue construir a história do hoje e mesmo reconstruir a história do ontem, desempenhando uma função relevante na construção de imaginários e identidades.

Para Rodrigues (1990), a mídia ocupa uma posição de centralidade nas sociedades contemporâneas ao transformar os discursos típicos de cada campo social em um discurso exotérico, ou seja, de fácil compreensão para todas as instâncias sociais. Por essa razão, o autor afirma que a realidade é determinada pela mídia, ou seja, tudo que não é abordado por ela não tem existência reconhecida pela sociedade.

Tendo em vista que o Estado usa a comunicação para impor uma visão de mundo (BOURDIEU, 2001), não é de se estranhar que a política seja um dos campos que mais dependem da mídia (THOMPSON, 1998). Para Thompson (1998), essa dependência se intensificou com a chegada da mídia eletrônica, uma vez que esse advento possibilitou o aumento do acesso às imagens de líderes políticos e celebridades comparado ao que se tinha antes. Para Meyrowitz (1985), a nova realidade, imposta principalmente após a chegada da televisão, afetou a forma como percebemos as nossas lideranças.

Meyrowitz (1985) explica que quem não conseguia se adequar à nova forma de exposição midiática era considerado um mau político. Para ele, isso explica a percepção entre os estadunidenses de que haviam apenas maus políticos entre as décadas 1960 e 1980. Meyrowitz levanta a hipótese de que, nesse período, o que ocorreu não foi a total ausência de lideranças e sim a incapacidade de adaptação dos políticos da época à ausência de bastidores.

Se as mídias eletrônicas representaram uma grande alteração social e política nos anos 1960, com a chegada da internet, nos anos 1990, o cenário da comunicação passou por mais transformações. Como explica Castells (2017), hoje, o emissor pode enviar uma mensagem em tempo real para um grande número de pessoas, sendo tanto mídia quanto público para mensagens.

Na visão de Castells (2018), a chegada da internet também intensificou a globalização que, por sua vez, é marcada por acontecimentos distantes com capacidade de influenciar acontecimentos próximos e até a própria intimidade (GIDDENS, 2002). Para Castells (2018), vivemos um tempo de crise, onde as instituições não têm mais o poder que tinham na construção das identidades. Ao mesmo tempo, o poder das mídias aumenta, como observa Castells (2017), e há uma aproximação das culturas. Contudo, o autor aponta que as identidades nacionais e regionais ainda prevalecem sobre a identidade cosmopolita na maioria dos casos.

Quando tratamos do cenário internacional, o poder da mídia é ainda mais relevante. Sales (2016) acredita que a imagem de um país é formada tanto pelo discurso oficial quanto pelas representações que os demais atores fazem sobre ele. Esse processo de construção de imagética faz parte da construção identitária de uma nação. Segundo a autora, dentre os atores que mais se destacam estão os veículos de imprensa internacionais, uma vez que, com o mundo globalizado, o poder da mídia e do público transnacional se solidificou.

Isso acontece porque, como explica Brasil (2013), os veículos noticiosos são a única fonte de informação do público internacional sobre outros países. Ao mesmo tempo, para o autor, a imagem que os veículos estrangeiros têm de nós é altamente dependente de nossa autoimagem. Sendo assim, reproduzem-se estereótipos que temos de nós mesmos: o país do carnaval, do futebol e da violência, com uma natureza exuberante.

A IDENTIDADE DO BRASIL

No caso do Brasil, a visão que temos do nosso país foi produzida, inicialmente, a partir da proclamação da nossa Independência e fundação do nosso Estado-Nação (BARBATO, 2014). Foi nesse momento que o Brasil passou a ter que se legitimar de maneira autônoma de Portugal sob o risco de ver seu território fragmentado, a exemplo do que aconteceu com a América colonizada pelos espanhóis.

Essa construção se deu aos moldes dos cinco pilares descritos por Hall (2006). O primeiro passo foi, portanto, a criação de uma “narrativa da nação”. Segundo Barbato (2014) isso foi feito por meio do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB). O IHGB, criado em 1838, era constituído por pessoas ligadas ao governo e foi o primeiro a concentrar histórias do Brasil segundo brasileiros. Essas histórias deveriam enfatizar as virtudes nacionais e trazer orgulho aos brasileiros, gerando esperança para o futuro.

A inspiração para a identidade brasileira era a Europa, como explica Barbato (2014). Porém, tal como descrito no segundo pilar de Hall (2006), as identidades nacionais precisam representar a essência de um povo, portanto, segundo Barbato (2014), o que se buscava no Brasil daquela época era a demarcação de aspectos originais, que nos distinguissem da Europa.

Se os europeus baseavam suas identidades no período medieval, os brasileiros, em especial os autores do Romantismo, criaram uma “Idade Média imaginária”, que seria o início da colonização. É nesse momento que se passam obras como *Iracema* e *O Guarani*, ambas de José de Alencar. Nessas e em outras obras do período é possível observar o quarto e o quinto pilares descritos por Hall (2006) em que há a criação de um tempo mítico e idealizado e também um “povo puro”, que seriam os indígenas.

Além disso, alguns estudiosos foram centrais na construção da autoimagem brasileira. Freyre (2004a) foi o primeiro a estudar a construção do Brasil. Uma de suas principais marcas é sua visão de que a origem das mazelas nacionais não estaria na miscigenação, mas no modelo de colonização ao qual fomos submetidos, com latifúndios, monocultura e pecuária. Para Freyre (2004a), o país passou por um período de feudalismo à brasileira. Nesse sistema, o senhor de engenho agrega em suas mãos todos os poderes.

Esse quadro só se altera, segundo Freyre (2004b), com a vinda da família real para o Brasil, em 1808. Foi neste momento que a chegada do Estado e do capitalismo deram início à Revolução Burguesa no Brasil. Entretanto, diferente do que ocorreu nos países europeus, aqui primeiro mudaram-se as instituições e depois os valores.

São justamente os valores oriundos da colonização portuguesa que, para Holanda (1987), são a grande mazela brasileira. Os portugueses instauraram entre nós uma civilização de raízes rurais, na qual as cidades, diferente de todos os outros lugares do mundo, são dominadas pelas propriedades rurais, já que não existe uma burguesia urbana independente. Os senhores de engenho eram a mola da riqueza e do poder na colônia, o que gerou uma predominância do privado sobre o público.

Essa é uma das principais características apontadas por Holanda (1987) que geraram nosso fracasso. Seríamos homens cordiais, ou seja, pessoas regidas por sentimentos e emoções no lugar na razão. Essa predisposição para o lado sentimental foi levada aos órgãos do Estado, dando origem ao patrimonialismo.

A visão desses dois autores é criticada por Souza (2009). Para o autor, as ideias de Freyre tomaram conta do senso comum, fazendo crer que os brasileiros são capazes de unir os contrários, sendo o povo do encontro cultural, da unidade e da diversidade. Enquanto Holanda teria tomado conta do que pensam os acadêmicos sobre o Brasil: um povo regido pela emoção e não pela racionalidade.

Souza (2009) acredita que a identidade nacional brasileira fez com que nos imaginemos com autocomplacência. Criou-se, para o autor, uma fantasia compensatória que nos torna cegos aos problemas atuais. Dessa forma, apaga-se a divisão de classes e seus conflitos. Ao fazermos isso, somos incapazes de crescer, estando condenados a seguir convenções ideológicas cegamente.

Schwarcz e Starling (2018) defendem uma visão nem tão pessimista nem tão otimista do Brasil. Para as autoras, o país é marcado por contrastes. Ao mesmo tempo que é sim um lugar onde se predominou a mistura de etnias e culturas, também é uma nação fundada na violência. Como apontava Freyre, existem diferenças entre o racismo no exterior e o nacional. Aqui, segundo Schwarcz e Starling (2018), há uma porosidade na fronteira das cores. É por essa razão que ocorre um embranquecimento daqueles que estão em classes sociais superiores e vice-versa, mesmo que a realidade biológica não seja correspondente. Essa porosidade é acentuada pela intensa mestiçagem que caracteriza o Brasil.

Entretanto, em vez de reconhecermos quem somos e buscarmos essas saídas, as autoras explicam, assim como já haviam dito Lima Barreto e Sérgio Buarque de Holanda, que os brasileiros querem negar quem são e esperar por soluções milagrosas. Uma das formas de fazê-lo seria colocar nossa identidade sempre em xeque.

Ainda assim, as autoras acreditam que algumas percepções do senso comum do que é ser brasileiro devem mudar. Elas criticam a abordagem que nos coloca como um povo pacífico e avesso à violência. Para as autoras, isso é ignorar o fato de que o Brasil, ainda que tenha uma forte presença da desigualdade social, também “luta com tenacidade para construir valores republicanos e cidadãos” (SCHWARCZ e STARLING, 2018, p. 18). Ou seja, para as autoras, somos um país onde reina a dualidade. Somos um país ambíguo, onde violência e democracia convivem lado a lado.

Em resumo, todos estes autores apresentam o Brasil como um lugar de atraso, apesar de perspectivas diferentes. A principal distinção entre eles são suas concepções do que levaram o país a se tornar um ambiente de violências em que, como afirmam Schwarcz e Starling (2018), espera por milagres para solucionar seus problemas, ou que, como afirma Holanda (1987), não é movido pela razão.

O QUE QUEREMOS SABER

Neste artigo, buscamos investigar qual é a imagem que o New York Times retrata do Brasil, dos brasileiros e de seus dois principais líderes (Lula e Bolsonaro) no texto “Brazil Ejects Bolsonaro and Brings Back Leftist Former Leader Lula”. O método escolhido foi a análise de conteúdo, que, como escreve Bardin (2011), busca encontrar padrões e produzir inferências a partir tanto de uma análise quantitativa quanto qualitativa de mensagens codificadas, como textos e imagens. Esse método é

[...] uma técnica de pesquisa científica baseada em procedimentos sistemáticos, intersubjetivamente validados e públicos para criar inferências válidas sobre determinados conteúdos verbais, visuais ou escritos, buscando descrever, quantificar ou interpretar certo fenômeno em termos de seus significados, intenções, consequências ou contextos (SAMPAIO & LYCARIÃO, 2021, p.6).

Para tanto, é necessário delimitar categorias que servirão como base para a análise do objeto. Nesta pesquisa, propõe-se a divisão em quatro categorias. A primeira delas são enquadramentos noticiosos evocados. Enquadramentos, como explica Porto (2002) são a forma como os fatos são apresentados, organizados e destacados.

Para D’Angelo e Shaw (2018), é possível dividir os enquadramentos noticiosos em dois grandes grupos: os “genéricos” e os “relativos a tópicos específicos”. No caso do enquadramento genérico, existem outras quatro divisões: o enquadramento episódico (focado nos acontecimentos), o temático (focado nos contextos), o estratégico (que foca

em contextualizar eventos de campanha e motivações políticas) e de valor noticioso (baseado no local e momento dos acontecimentos).

Para D’Angelo e Shaw (2018), ao contrário do enquadramento genérico, o enquadramento por tópicos é menos suscetível a enquadramentos apresentados pelas fontes jornalísticas. Isso porque eles são, geralmente, baseados na contraposição de vários pontos de vista. Por isso eles costumam estar presentes em textos relativos à ciência e a acontecimentos marcantes. Aqui, tentaremos identificar quais desses modelos de enquadramentos noticiosos são utilizados.

A segunda categoria de análise serão as fontes abordadas. Como explica Lage (2009), fontes são pessoas ou instituições que fornecem informações para matérias jornalísticas. Queremos saber, seguindo as definições de Lage (2009), se elas são oficiais (autorizadas a falar em nome de alguém), oficiosas (ligadas a pessoas ou instituições, mas não autorizadas a falar em seu nome) ou independentes (desvinculada de reação de interesse ou poder). Além disso queremos determinar quais são as fontes primárias (em que se baseiam a notícia) e se há relato de testemunhas ou *experts*.

Já a terceira categoria de análise são os personagens, ou seja, as pessoas sobre as quais a matéria trata, mesmo que não sejam ouvidas diretamente como fontes. Por fim, a quarta categoria serão as temáticas abordadas.

O BRASIL EJETA BOLSONARO

Publicado em 30 de outubro de 2022, dia em que ocorreu o segundo turno das eleições presidenciais brasileiras, o primeiro ponto a ser observado no texto “Brazil Ejects Bolsonaro and Brings Back Leftist Former Leader Lula” é o seu título. Percebe-se, por ele, que Bolsonaro e Lula serão os dois principais personagens abordados e é possível observar também um tom desfavorável à Bolsonaro, devido à expressão “eject”, que pode ser traduzida como ejetar ou expulsar. Em português, o título seria “Brasil expulsa Bolsonaro e traz de volta o antigo líder de esquerda Lula”.

Na linha fina do texto, o autor Jack Nicas, que é chefe do escritório brasileiro do The New York Times, reforça que Bolsonaro foi rejeitado pelos votos após “apenas” um mandato e informa que o então presidente é um líder de extrema direita. Portanto, enquanto Bolsonaro é retratado como um extremista, Lula é visto como alguém que está em um dos polos convencionais da política.

A contraposição entre os dois personagens centrais se mantém ao longo do texto. No lead, o NYT indica que “autoridades eleitorais” (fontes primárias oficiosas) disseram que a eleição de Lula seria um castigo para o movimento de extrema direita de Bolsonaro. Em seguida, o texto relata a trajetória de superação de Lula, que foi da presidência para a prisão e retornou ao cargo. Já sobre Bolsonaro, o jornal relembra as polêmicas: suas políticas que “aceleraram a destruição da Amazônia e potencializaram a pandemia”, seus *status* como uma das maiores figuras da extrema-direita e seus ataques à esquerda, à mídia e à democracia.

Esse último tópico, segundo o NYT, causou preocupações no Brasil e internacionalmente. Portando, a votação de 30 de outubro testou o que o jornal chama de “uma das maiores democracias do mundo”. No texto, há ainda uma comparação entre Bolsonaro e Donald Trump, que também questionou a legitimidade das eleições. Baseando-se em fontes primárias independentes, como veículos locais de comunicação, o texto relata que apoiadores de Bolsonaro bloquearam estradas em protesto. Outra comparação com os Estados Unidos é com relação à Covid-19. O jornal destaca que, sob a gestão Bolsonaro, a pandemia matou mais no Brasil que em qualquer lugar nos EUA.

O jornal não deixa de destacar que o resultado das eleições foi apertado, na verdade, conforme dados de fontes primárias oficiais, a margem de vitória de Lula foi a menor da história. Em seguida, o jornal destaca a fala de Lula (nesse caso uma fonte primária oficial) e sua promessa de governar para todos os brasileiros e não somente os que votaram nele.

Ao relatar esses fatos, o texto demonstra que tem um enquadramento episódico, tratando do resultado das eleições do Brasil, dos fatos ocorridos durante o dia da votação (como ação da Polícia Rodoviária Federal que atrasou os ônibus em regiões onde Lula era mais popular) e dos fatos que se seguiram (como o discurso de Lula, a falta de pronunciamento de Bolsonaro e as ações de bloqueio de estradas por parte de seus apoiadores). Porém, demonstrando que também tem um forte enquadramento temático, o texto tenta explicar o contexto que levou a um pleito apertado.

Para isso, relembra que Lula teve governos amplamente aprovados, que foi acusado e condenado de corrupção, mas que seu caso foi anulado pelo Supremo Tribunal Federal (STF) devido à suspeição do juiz. O jornal atribui a vitória de Lula à “forte oposição ao movimento de extrema-direita do Sr. Bolsonaro”. Para ratificar essa explicação, o NYT apresenta a fala de uma fonte primária testemunhal, a bibliotecária

Stefane Silva de Jesus, que diz que Lula não é a solução de todos os problemas, mas é a única esperança.

Outro ponto do texto que confirma sua maior tendência ao tipo de enquadramento temático, é sua contextualização de outros países que não o Brasil. Na matéria, Jack Nicas lembra que seis dos sete maiores países da América Latina elegeram líderes de esquerda desde 2018 e Lula é um deles.

Também faz parte do enquadramento temático a abordagem que o jornal faz dos desafios que Lula terá em seu novo governo. Entre os temas elencados estão “ameaças ambientais, aumento da fome, uma economia crepitante e uma população profundamente dividida” (NICAS, 2022). Percebe-se, portanto, que a inclusão da temática ambiental se soma às temáticas centrais do texto: democracia e eleições. Também há menções sobre a economia do país e sobre as políticas adotadas durante a pandemia de Covid-19, mas a preocupação com o meio ambiente, especialmente com a Amazônia, é mais presente. Em um trecho, Nicas destaca que a eleição de Lula “provavelmente será uma boa notícia para a saúde da floresta amazônica”, dado o histórico de Lula e Bolsonaro no cargo em relação às suas políticas sobre a região.

Um ponto a ser observado é que fontes oficiais estão mais presentes em pontos da reportagem que usam o enquadramento episódico. Ainda que não seja citado diretamente, sabemos que os números da apuração foram fornecidos pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE); quando o texto se refere à operação da Polícia Rodoviária Federal, a fonte é Alexandre de Moraes, citado apenas como “elections chief”; e as falas de Lula vieram de seus discursos após a vitória eleitoral.

Já quando se trata do enquadramento temático, as fontes primárias adotadas nem sempre são mencionadas com clareza. Há informações que presumimos terem vindo de veículos locais de comunicação ou de apurações prévias do *The New York Times*, há declarações de Lula e Bolsonaro dadas em momentos anteriores, como em debates ou discursos, e há informações que acreditamos que tenham vindo de órgãos oficiais que não foram mencionados explicitamente, como dados econômicos e dados sobre eleições anteriores.

Se as fontes são múltiplas, os personagens se resumem a duas pessoas: Lula, que ganhou as eleições presidenciais, e Bolsonaro, o candidato derrotado. Ao longo do texto de 41 parágrafos, Lula é mencionado 18 vezes, enquanto o nome de Bolsonaro aparece em 12 ocasiões. O então presidente do Brasil tem suas falas citadas textualmente duas

vezes. A primeira declaração foi tirada de um discurso de Jair Bolsonaro em 2021 quando disse que só tinha três opções: ser reeleito, preso ou morto e disse “Quero dizer aos canalhas que eu nunca serei preso”. A segunda fala foi tirada de uma entrevista feita por outro veículo de comunicação após o último debate presidencial. Na ocasião, ao ser perguntado se aceitaria o resultado das eleições, Bolsonaro disse “Não há a menor dúvida. Quem tiver mais voto leva. É isso que é democracia”.

Já Lula foi citado textualmente em três parágrafos, com trechos maiores do que os das falas de Bolsonaro. Duas das declarações de Lula, ambas feitas em seus discursos após a vitória nas urnas, foram promessas do presidente eleito para seu futuro governo. A última declaração usada no texto, feita no último debate presidencial, também foi uma promessa, mas sobre Bolsonaro: “A hora que levantar o tapete, vocês vão ver a podridão”.

É possível dizer ainda que o tratamento dado a Lula foi mais positivo do que aquele dado a Bolsonaro. O movimento de extrema-direita no Brasil é referido, em duas ocasiões, como sendo um movimento de Bolsonaro. Seu tempo no governo foi descrito como “turbulento” e “volátil”, que atacou “impetuosamente” a democracia, aumentou as consequências da pandemia e o desmatamento. O jornal ainda lembra que ele responde a processos judiciais.

Quanto à Lula, a visão é mais positiva que negativa. Apesar de ser mencionado que o esquema de corrupção durante seu governo, o jornal esclarece que seus processos foram anulados, mesmo não tendo sido inocentado. O texto também lembra que a crise econômica começou com a sucessora escolhida por Lula e que seus planos para o país são “vagos”, apesar de suas promessas de diminuir a desigualdade e combater a fome. Porém, o NYT também cita uma fala que associa Lula a “esperança” e apresenta sua eleição como uma possível “boa notícia”.

Enquanto os dois presidentes estão no centro das atenções do texto, não há muito espaço para se falar diretamente do Brasil ou do povo brasileiro. Ou seja, podemos fazer inferências sobre eles a partir das temáticas abordadas pelo jornal. Pelas menções diretas aos brasileiros, sabemos que a reportagem do New York Times informa que estão “divididos”, fato atribuído pelo NYT ao governo de Bolsonaro. Já pelas falas diretas sobre o Brasil, o NYT destaca seus maiores problemas: as ameaças ao meio ambiente, o aumento da fome, a crise econômica e as ameaças à sua democracia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta pesquisa pudemos perceber que a abordagem feita do segundo turno das eleições brasileiras teve um enquadramento predominantemente temático, uma vez que se preocupou em descrever os contextos das situações abordadas. Ainda assim, o enquadramento episódico (relatando momentos específicos da eleição, com o seu resultado e fatos que ocorreram ao longo de dia) também esteve presente, assim como o enquadramento de valor noticioso, uma vez que as eleições se destacam pelo momento e pelo local que acontecem.

A partir desta análise também conseguimos averiguar que o The New York Times priorizou fontes oficiais e oficiosas especialmente quando o enquadramento episódico era acionado, com uma ocorrência de uma fonte independente e uma testemunhal e sem nenhuma fonte que possa ser considerada uma *expert*.

Mas os pontos centrais nesta pesquisa para responder à pergunta proposta são os personagens e as temáticas abordadas. Como comprovado durante a análise, Bolsonaro e Lula foram os destaques. Ambos serviram como um paralelo para a representação do Brasil, um país que, como já apontavam Schwarcz e Starling (2018), é um país de contrastes. Essa dualidade é percebida pela divisão retratada no povo brasileiro, que decidiu, mesmo que por uma pequena margem, que prefere a esperança (associada às promessas de Lula sobre a diminuição da fome e da desigualdade) do que continuar apoiando Bolsonaro e um governo que ameaça o sistema democrático. Além disso, visões que estiveram presentes desde o início da construção da imagem nacional, como a centralidade da natureza (BARBATO, 2014), são retomadas, à medida que a Amazônia e o meio ambiente estão entre os principais tópicos discutidos na reportagem.

Concluimos, portanto, que a hipótese apresentada foi comprovada. De fato, houve uma tentativa de aproximar a realidade brasileira à dos Estados Unidos, comparando as figuras de Trump e de Bolsonaro. Ainda que não fosse o tópico principal do texto, a temática do meio ambiente foi uma das mais abordadas, seja para criticar as medidas tomadas por Bolsonaro ou colocar Lula como uma possibilidade para que a área se desenvolva melhor. Comprovou-se também que o tratamento dado a Lula foi mais favorável do que o dado a Bolsonaro, que foi retratado como alguém que ameaça as instituições. Sendo assim, há uma retomada das ideias de Freyre (2004a e 2004b) e de Holanda (1987) de que no Brasil, pelo fato de as instituições terem sido alteradas antes da mudança dos valores na sociedade, elas são mais facilmente ameaçadas.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Marialva Carlos. **Percursos do olhar**: comunicação, narrativa e memória. Niterói: EdUFF, 2007.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Editora 70, 2011.
- BARBATO, Luis Fernando Tosta. *A construção da identidade nacional brasileira: necessidade e contexto*. **Revista Eletrônica História em Reflexão**: Vol. 8 n. 15 – UFGD – Dourados, jan/jun – 2014, p.1-15.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: **Obras escolhidas**. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BRAGA, José Luiz. Constituição do campo da comunicação. In: **Verso e Reverso**, vol. XXV, n.58, jan/abr, 2011.
- BRASIL, Antônio. A construção da imagem do Brasil no exterior: um estudo sobre as rotinas profissionais dos correspondentes internacionais. **Revista FAMECOS**, 19(3), 2013, p. 775-794. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/12901> Acesso em 27 de agosto de 2020.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. 2 ed. Rio de Janeiro/São Paulo. Paz e Terra, 2017.
- _____. **O poder da identidade**: a era da informação, volume 2. 9 ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.
- D'ANGELO, Paul; SHAW, Donna. Journalism as Framing. In: VOS, Tim P. **Journalism**. Berlin, Boston: De Gruyter Mouton, 2018, p. 205-234. Disponível em <<https://doi.org/10.1515/9781501500084-011>> Acesso em 25 de agosto de 2021.
- FAUSTO NETO, Antônio. Como as linguagens afetam e são afetadas na circulação? In **10 perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. Org. BRAGA, José Luiz... [et al]. São Leopoldo – RS: Ed. UNISINOS, 2013. p. 43-64.
- FREYRE, Gilberto. **Casa grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 49 ed. São Paulo: Global, 2004a.
- _____. **Sobrados e Mocambos**: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano. 49 ed. São Paulo: Global, 2004b.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- GOMES, Wilson. **Transformações da política na era da comunicação de massa**. São Paulo: Paulus, 2004.

HALL, Stuart. **Identidades Culturais na Pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 19 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

LIMA, Venício A. de. Sete teses sobre mídia e política no Brasil. **REVISTA USP**, São Paulo, n.61, p. 48-57, março/maio 2004.

MEYROWITZ, Joshua. **No sense of place – the impact of electronic media on social behavior**. New York: Oxford University Press, 1985.

NICAS, J. Brazil Ejects Bolsonaro and Brings Back Leftist Former Leader Lula. Brasília: **The New York Times**, 30 de outubro de 2022, Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2022/10/30/world/americas/lula-election-results-brazil-bolsonaro.html>> Acesso em 20 de junho de 2023.

PORTO, Mauro P. **Enquadramentos da Mídia e Política**. XXVI Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais – ANPOCS (Sessão “Estratégias de Comunicação e Política: Teoria e Pesquisa” do GT Mídia e Política: Opinião Pública e Eleições), Caxambu/MG, Brasil, 22 a 26 de outubro de 2002, 25p.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias da comunicação: questão comunicacional e formas de sociabilidade**. Editorial Presença; Lisboa, 1990.

SALES, Camila Maria Risso. **O Brasil na Economist: pensando a influência do perfil político-ideológico da revista na formação da imagem internacional do país**. Tese (Doutorado) São Carlos: UFSCar, 2016.

SCHWARCZ, Lília M. e STARLING, Heloisa M. **Brasil: uma biografia**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SOUZA, Jessé. **Ralé brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

SAMPAIO, Rafael Cardoso & LICARIÃO, Diógenes. **Análise de conteúdo categorial: manual de aplicação**. Brasília: Enap, 2021.

THOMPSON, John. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.